

Notas sobre o desamparo periférico: crise e regressão das massas no Brasil do século 21.

Leomir C. Hilário
Doutorando em Psicologia Social, UERJ

O argumento que gostaria de expor neste pequeno texto é o seguinte: a partir do “Junho de 2013”, tornou-se evidente, dentre tantos outros fenômenos, o ressurgimento e fortalecimento do conservadorismo na cena política e social brasileira, cuja característica principal é o rechaço da esquerda acompanhada por sua culpabilização pelas mazelas sociais. O seu mecanismo básico é o de pôr a esquerda e tudo o que ela representa no lugar de onde emerge o mal-estar social difuso que as massas experimentam cotidianamente embora não consigam lhe dar inteligibilidade. Assim procedendo, este ressurgir do conservadorismo participa da dinâmica global de saídas fetichistas para a crise sistêmica de maneira particular e periférica por meio daquilo que vou tentar chamar de “politicismo”, que para mim é a face histórica e periférica do que Freud denominou de *desamparo*¹.

Em primeiro lugar, entendo que estamos atravessando não mais uma crise do capitalismo a ser superada por uma nova conjuntura de crescimento econômico. Em vez de conjuntural, esta crise atual é *estrutural*. Dito de outra maneira, a crise é *sistêmica*, ou seja, ela acusa o limite lógico de desenvolvimento interno do capitalismo. Isso significa dizer que o capitalismo não é constrangido apenas externamente, através do esgotamento de recursos naturais, por exemplo, mas principalmente por sua dinâmica interna, sua infundável busca pela “valorização do valor” (Marx) que atualmente solapa

¹ Tomo a elaboração freudiana do desamparo (*Hilflosigkeit*) a partir dos textos *Mal-Estar na Civilização e Inibição*, *Sintoma e Angústia*, que leio em duas chaves: denotando a impotência do recém-nascido de empreender uma ação coordenada e eficaz que satisfaça suas necessidades (*motorische Hilflosigkeit*) e significando a dinâmica econômica na qual ocorre um aumento da tensão da necessidade que o aparelho psíquico não pode ainda dominar (*psychische Hilflosigkeit*). Ou seja, o que me parece fundamental no desamparo freudiano é esta dinâmica na qual o psiquismo não é autônomo e se vê submergido pelas tensões do mundo, as quais produzem nele o estado gerador do desamparo, diante do qual ele procura desesperada e ineficazmente se livrar. Aqui exercito o meu entendimento do encontro entre Marx e Freud, cujas bases lancei no artigo “A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro”, publicado na *Revista Psicologia & Sociedade*, em 2014, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n3/a03v26n3.pdf>. Por fim, a inspiração para este pequeno texto veio sobretudo de Moïse Postone, em especial o texto “History and Helplessness: Mass Mobilization and Contemporary Forms of Anticapitalism”, disponível em http://www.platypus1917.org/wp-content/uploads/readings/postonemoishe_historyhelplessness.pdf.

suas próprias bases que a tornam possível, como se pode verificar na mudança da composição orgânica do capital e na produção de uma massa supérflua, para citar dois exemplos internos. Nos idos tempos de expansão sistêmica, o capital como sujeito do processo de valorização produziu civilização e barbárie concomitantemente, numa dialética muito bem descrita por Adorno e Horkheimer. Contudo, no momento de seu declínio, ele acaba por produzir mais barbárie do que civilização ou uma “barbárie civilizada” (Löwy). Isso porque a crise deixou de ser um episódio passageiro para ser o próprio *modus operandi* do capitalismo em colapso histórico. O capitalismo é, hoje, a crise.

As características desta crise atual podem ser expostas da seguinte maneira: a) ela tem amplitude universal, pois acomete âmbitos diferenciados, tais quais as finanças, a economia, o clima, a ecologia, a subjetividade, a política, a ética, a religião etc.; b) ela tem alcance global, pois não é restrita a um país ou um conjunto delimitado de países; c) sua escala de tempo é extensa, contínua e permanente; e d) em contraste com os colapsos espetaculares que marcaram algumas crises do passado, esta crise é *rastejante* (Mészáros), o que pressupõe uma espécie de “administração da crise”.

No âmbito macroeconômico, isto aparece na busca e manutenção da governabilidade. No Brasil, por exemplo, o governo do PT produziu eficazes “técnicas de gestão da barbárie” (M. Menegat), cujo objetivo foi o de manter o essencial de uma forma social que desmorona. Num contexto de crise sistêmica, não está mais posto uma transformação do país, mas sim a criação de técnicas de minimização e contenção da miséria. Na esfera do pensamento social crítico brasileiro, para citar um outro exemplo de como esta crise acometeu o Brasil, a preocupação deixou de ser com a formação nacional – como em Caio Prado Jr., Antonio Candido, Roberto Schwarz, Francisco de Oliveira etc. – para mobilizar-se para estudos pragmáticos voltado para soluções técnicas e controle social. O fato é que este arranjo social brasileiro orientado para gerir a barbárie já se depara com seus limites objetivos uma vez que a crise já não pode ser mais vista como uma “marolinha” (Lula) e se configura cada vez mais como um turbilhão que arrasta o Brasil para o seu centro. Na medida em que não pode mais ser negada, a crise tem que ser experimentada à brasileira, isto é, a crise sistêmica como *politicismo*. É sobre essa experimentação específica que gostaria de dizer algumas palavras.

A longa tradição brasileira de “transformações pelo alto”, para usar uma expressão de Carlos Nelson Coutinho, *incrustou* (K. Polanyi) na forma social periférica

brasileira a ideia de que determinados grupos sociais subalternos são os únicos responsáveis pelo atraso do Brasil, entendido como nação portadora de alguma “magia” interna que a credenciaria para um futuro promissor. Tudo se passa como se o Brasil fosse essencialmente uma grande nação e o problema fossem estes grupos internos que atrapalham a sua plena realização e consolidação. Desta forma, a crise perde toda sua dimensão objetiva, ampla e global para adquirir feição politicista, voluntarista e local. Isto significa dizer que em vez de ser compreendida naquilo que tem de histórica, a crise é entendida como resultado das ações políticas de grupos determinados. Exemplo atual disso foi a desvalorização de R\$ 610 bilhões de reais da Petrobrás, em dezembro de 2014, fazendo com que a empresa passasse a valer menos do que antes do pré-sal, e a resposta midiática que fala em “Petrolão” referindo-se à investigação da Polícia Federal chamada “Lava Jato” que teria movimentado cerca de R\$ 10 bilhões. Em suma: o foco deixa de ser a especulação financeira em torno da ficção do pré-sal como parte integrante do capitalismo-cassino (R. Kurz) e passa a ser a ação de corruptos responsáveis pela derrocada da Petrobrás. Porém, fica a pergunta: como explicar os outros R\$ 600 bilhões?

Na vigência dessa crise sistêmica, o mundo aparece cotidianamente como dominado pelo caos e pela desordem, portanto, ameaçador. Isto está na base de certo mal-estar difuso experimentado pelas massas, que não sabem nomeá-lo, porém não podem esquivar-se da estranha sensação de que as coisas vão muito mal e tendem a piorar. Em tal situação, os indivíduos demandam algum tipo de referencial seguro, estável, como contrapartida. Uma das saídas é o fortalecimento da religião como antídoto à desordem. Por meio de uma ordem rígida, os indivíduos tentam encontrar um modo de se opor à desordem e ao caos sistêmico. O mundo ameaçador e instável passa a ser lido na chave religiosa de decadência de valores e sua superação vista a partir do resgate da tradição. No Oriente Médio, o anti-semitismo se fortalece como forma fetichizada de oposição à crise (M. Postone), na medida em que o desenvolvimento global do capital que desestabiliza nações, regiões e a vida das pessoas, é atribuído aos Judeus. Isto é, o anti-semitismo é uma revolta contra este dinamismo impessoal e destrutivo do capital, entendido, no entanto, como orquestrado pelos Judeus ou pelo “Grande Satã”, como o aiatolá Khomeini se referia aos Estados Unidos.

Cumprido destacar que cada região do globo tem suas formas específicas de oposição à crise sistêmica. No contexto europeu, a xenofobia e a rejeição aos imigrantes assume a feição da crise. Também lá os efeitos da crise são lidos a partir da

responsabilização de determinados grupos de pessoas cuja exclusão traria de volta o arranjo social anterior, dos *Trente Glorieuses* (J. Fourastié), de estabilidade financeira, crescimento econômico, político e social. A extrema direita europeia conseguiu, em 2009, por meio de plebiscito com 52% de aprovação, a legalização da expulsão, ao final do cumprimento da pena, de todos os estrangeiros condenados por crimes como homicídio, estupro, tráfico de drogas, dentre outros. Os imigrantes são acusados de ser a raiz de todos os problemas. Nesta operação, o sistema sai ileso politicamente.

Com essa espécie de fetichização no sentido freudiano, isto é, como algo que literalmente tapa uma realidade que gera sofrimento (a desordem e o caos oriundos da crise sistêmica), substituindo-a pelo fetiche (i. e., não há crise sistêmica alguma, apenas a má ação de grupos que devem ser excluídos), a explicação simplória e imediatamente verificável, a ideologia dá uma volta no parafuso e conecta-se com o fetiche marxiano, aquele que torna incognoscível a dinâmica objetiva da mercadoria. A crise sistêmica sofre duas ações fetichistas: a) sua realidade histórica impessoal é substituída pela vontade de sujeitos coletivos que deliberadamente a produzem; e b) com isso, a própria crítica radical do capitalismo perde suas próprias bases. A finalidade do *fetiche social* é sempre a de manter incólume o capitalismo, neste caso em questão é a natureza da crise que resta obnubilada. Seu produto é a fantasia social (S. Žižek), isto é, a construção de uma sociedade que *exista*, que não seja antagonicamente dividida, em que a relação entre suas diferentes partes seja orgânica e complementar. Sua manobra é, em suma, retirar a falha sistêmica do interior de sua dinâmica autocontraditória para deslocá-la para determinado grupo social, isto é, a negatividade constitutiva do social assume existência positiva empírica por meio do fetiche.

É aqui que me parece estar o cerne da questão. Este entendimento de que há alguém orquestrando consciente e deliberadamente movimentos sistêmicos globais é o núcleo do que estou chamando de “politicismo”, que é a nossa forma brasileira fetichizada de nos opor a este mundo em caos e desordem, cujo objetivo é acreditar que as classes dominantes são as únicas capazes de realizar mudanças profundas na sociedade brasileira e, portanto, as únicas que podem contornar a crise atual. Lembremo-nos do fortalecimento do conservadorismo, desde pedidos de volta da Ditadura Militar, passando pelo ressurgimento do Integralismo, até evidentes retrocessos na cena política brasileira, como o déficit nas discussões acerca do aborto, a questão de gênero, a punitiva, dentre outras. Tudo se passa como se, diante da crise sistêmica que provoca caos e desordem, fosse necessária a ação de resguardar pontos

nevrálgicos da ordem em declínio (a família, a prisão, a nação etc.) e, para isso, é preciso batalhar para pôr no comando um grupo político adequado a esta missão. Uma vez no comando, tal grupo adequado instauraria a ordem que solucionaria tal mal-estar difuso experimentado pelos indivíduos. Uma política bem feita com políticos éticos e preparados nos salvará da crise, esta é a crença fundamental.

Penso que o politicismo é a nossa saída fetichista para a crise e é a nossa resposta para o desamparo atual das massas historicamente produzidas na periferia brasileira. Nada mais natural, portanto, que a crise sistêmica seja experimentada aqui no Brasil sob a forma do colapso da governabilidade petista. O que é sistêmico e histórico emerge como nacional e subjetivista, isto é, como desvencilhado do movimento mundial e resultado das ações de grupos determinados. Feita esta operação, a modificação sistêmica sai do horizonte e o que entra em seu lugar é a proposta de um “choque de gestão”.

Outro fator a ser notado é a agressividade constitutiva deste posicionamento fetichista diante da crise sistêmica. No Brasil, adjetivos como “petralhas”, “corruptos” etc., saíram do campo da crítica ao PT para ampliar-se em direção a todo aquele que de algum modo se localize no espectro mais à esquerda do campo político. A agressividade constitutiva destes rótulos não é acidental, mas o próprio *modus operandi* sem o qual tal oposição fetichista não funciona. Na medida em que a crise sistêmica perde sua objetividade global sistêmica, o que resta em seu lugar é somente grupos responsabilizados que devem ser extirpados do campo social. A validade deste discurso é proporcionada não pelo argumento, mas pelo ódio, pela raiva.

Esta agressividade tem ainda outra função. Ela opera como força de coesão de uma massa dispersa unida apenas pelo mal-estar constante e inominável. Isto é o que Freud certa feita chamou de *narcisismo das pequenas diferenças*, um tipo de mecanismo psicossocial por meio do qual a agressividade em relação ao grupo antagônico funciona como princípio coesionador de outro. No contexto periférico brasileiro, onde constitutivamente falta o “nexo moral”² (C. Prado Jr.), a coesão social apenas se produziu em meio ao que podemos chamar de ressentimento ao que somos

² “Tomo aquela expressão “nexo moral” no seu sentido amplo de conjunto de forças de aglutinação, complexo de relações humanas que mantêm ligados e unidos indivíduos de uma sociedade e os fundem num todo coeso e compacto. A sociedade colonial se definirá antes pela desagregação, pelas forças dispersivas; mas elas são em nosso caso as da inércia; e essa inércia, embora infecunda, explica suficientemente a relativa estabilidade da estrutura colonial” (Caio Prado Jr., *A formação do Brasil Contemporâneo*, Cia das Letras, 1942/2011, p. 366).

em relação ao que podemos ser. É como se fosse sempre necessário encontrar culpados internos pela nossa má formação nacional. Nomear os que representam os obstáculos para que o país ainda não se apresente como grande potência mundial. Se as massas aqui no Brasil jamais fizeram uma revolução clássica nos moldes da Revolução Francesa, é como se ela fosse incapaz de fazê-lo e, assim sendo, as massas somente atrapalham, as minorias, no fundo majoritárias, são as nomeadas como obstáculos: índios, negros, mulheres, travestis, transexuais, militantes de esquerda, pobres etc.

Durante os últimos séculos, aquilo que se pode chamar de esquerda triunfou sempre que pôde mobilizar a insatisfação social para a construção de uma alternativa social, no interior da qual as condições de vida fossem melhores. Muito antes mesmo de propostas fechadas acerca do que poderia ser este futuro, foi a capacidade de mobilização do desamparo das massas que abriu as portas para o impossível. Se ela falhar hoje, o politicismo se colocará, mais uma vez, como forma adequada capaz de lidar com o desamparo das massas periféricas brasileiras, alimentando seu ódio e apontando bodes expiatórios. A vitória do politicismo será a derrota de todos nós.